

## **BNCC E JUVENTUDES: “PROJETO DE VIDA NA ESCOLA”**

*BNCC y Juventud: “Proyecto de vida em la escuela”*

*BNCC and Youth: “life project at school”*

**Dulce Mari da Silva Voss<sup>1</sup>**

**Bóris Ximenes Bonfanti<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Este ensaio teórico propõe a análise dos efeitos de subjetivação das juventudes gerados pela enunciação “projeto de vida na escola” presente no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A análise da referida enunciação é feita pela via das Filosofias da Diferença e objetiva-se problematizar a produção de um sujeito estudante como protagonista de seu projeto de vida. Compreende-se que o discurso da BNCC constitui uma metanarrativa universalizante do estudante protagonista do seu projeto de vida, à medida que, atribui sentido à noção de juventude, baseada na articulação entre a concepção moderna de tempo e a concepção produtivista de um sujeito contemporâneo que projeta seu futuro lugar no mundo. Assim, o discurso prescritivo da BNCC de regulação dos currículos tende a acoplar as engrenagens escolares ao regime vigente que requer a formação das juventudes aos moldes empresariais. A nova configuração subjetiva torna o estudante jovem responsável pelo seu próprio destino, lança-o ao agir como auto empreendedor de si mesmo. Faz parte do funcionamento do regime de colonização e expropriação das forças e dos desejos responsabilizar os indivíduos pelos êxitos e fracassos. Contudo, esse processo de produção subjetiva não elimina desigualdades que constituem a materialidade das existências juvenis. Pelo contrário, as desigualdades são fabricadas pelo próprio regime e nele incorporadas através de práticas discursivas como a dos “projetos de vida na escola”. No entanto, mesmo que o discurso institucionalizado leve sujeitos jovens ao investimento de esforços para o cumprimento das metas estabelecidas, ocorrem falhas e lacunas nesse processo de engendramento dos currículos à máquina colonial-capitalística. Resta fazer dessas brechas espaços de criação nos quais seja possível perceber que há diferentes juventudes e agir para que os currículos se abram às reais demandas dos/as estudantes.

**Palavras-Chave:** BNCC; currículo; discurso; juventude; projeto de vida.

### **Resumen**

Este ensayo teórico propone el análisis de los efectos de subjetivación de los jóvenes generados por el enunciado “proyecto de vida en la escuela” presente en el texto de la Base Curricular Común Nacional (BNCC). El análisis del citado enunciado se realiza a través de las Filosofías de la Diferencia y pretende problematizar la producción de un sujeto estudiantil como protagonista de su proyecto de vida. Se entiende que el discurso del BNCC constituye una metanarrativa universalizadora del estudiante protagonista de su proyecto de vida, ya que atribuye un significado a la noción de juventud, a partir de la articulación entre la concepción moderna de juventud y la concepción productivista de un sujeto contemporáneo que proyecta su lugar futuro en el mundo. Así, el discurso prescritivo del BNCC sobre la regulación curricular tiende a acoplar los engranajes escolares al régimen actual que requiere la formación de los jóvenes en líneas comerciales. La nueva configuración subjetiva hace al joven estudiante responsable de su propio destino, lanzándolo a actuar como un autoempresario de sí mismo. Es parte

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação com Estágio Pós-Doutoral em Educação; Universidade Federal do Pampa; Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; [dulcevoss@unipampa.edu.br](mailto:dulcevoss@unipampa.edu.br)

<sup>2</sup> Mestre em Ensino; Universidade Federal do Pampa; Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; [bonfantibxb2@outlook.com](mailto:bonfantibxb2@outlook.com)

del funcionamiento del régimen de colonización y expropiación de fuerzas y deseos responsabilizar a los individuos por sus éxitos y fracasos. Sin embargo, este proceso de producción subjetiva no elimina las desigualdades que constituyen la materialidad de las existencias juveniles. Por el contrario, las desigualdades son fabricadas por el propio régimen y incorporadas a él a través de prácticas discursivas como los “proyectos de vida en la escuela”. Sin embargo, incluso si el discurso institucionalizado lleva a los jóvenes a invertir esfuerzos para lograr las metas establecidas, se producen fallas y lagunas en este proceso de creación de currículos para la máquina colonial-capitalista. Resta hacer de estos vacíos espacios de creación en los que sea posible percibir que hay jóvenes diferentes y actuar para que los currículos estén abiertos a las demandas reales de los estudiantes.

**Palabras-clave:** BNCC; currículo; discurso; juventud; proyecto de vida.

### **Abstract**

This theoretical essay proposes the analysis of the effects of subjectivation of youth generated by the statement “life project at school” present in the text of the National Common Curricular Base (BNCC). The analysis of said statement is made through the Philosophies of Difference and aims to problematize the production of a student subject as the protagonist of his/her life project. It is understood that the BNCC discourse constitutes a universalizing metanarrative of the student as the protagonist of his/her life project, as it attributes to the notion of youth, based on the articulation between the modern conception of youth and the productivist conception of a contemporary subject who projects his future place in the world. Thus, the prescriptive discourse of the BNCC for regulating curricula tends to couple school gears to the current regime that requires the training of young people in business models. The new subjective configuration makes the young student responsible for his own destiny, launching him to act as a self-entrepreneur. It is part of the functioning of the regime of colonization and expropriation of forces and desires to hold individuals responsible for successes and failures. However, this process of subjective production does not eliminate inequalities that constitute the materiality of youth existences. On the contrary, inequalities are manufactured by the regime itself and incorporated into it through discursive practices institutionalized discourse leads young subjects to invest efforts in meeting the established goal, flaws and gaps occur in this process of engendering curricula to the colonial-capitalist machine. It remains to turn these gaps into spaces of creation in which it is possible to perceive that there are different types of youth and to act so that curricula are to the real demands of students.

**Keywords:** BNCC; curriculum; speech; youth; life project.

## **1. Introdução**

Este trabalho apresenta um estudo teórico de análise dos efeitos de subjetivação das juventudes suscitados pelo discurso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mediante a enunciação do estudante como sujeito protagonista de “projetos de vida na escola”. A BNCC constitui a enunciação “projeto de vida na escola”, ao estabelecer que os currículos das escolas brasileiras, públicas e privadas, devem favorecer “o delineamento do projeto de vida dos estudantes, ao estabelecer uma articulação não somente com os anseios desses jovens em relação ao seu futuro, como também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio”. (BRASIL, 2017).

A prática discursiva do “projeto de vida na escola” se constitui da associação de enunciados, como: “protagonismo estudantil”, “formação integral”, “formação cidadã”, “diversidade” e “preparação para o mundo do trabalho”, incumbindo as escolas da definição

de “objetivos de aprendizagem” que contemplem o “desenvolvimento de competências e habilidades” voltadas ao alcance das metas (Brasil, 2017).

Nesse artigo objetiva-se problematizar a produção do sujeito estudante como protagonista de um projeto de vida, de modo a compreender os efeitos desse discurso quanto aos processos de subjetivação das juventudes. A análise é feita pela via teórico-epistemológica das Filosofias da Diferença, especialmente, baseada nos estudos de Foucault (2008), Espinosa (2009), Deleuze e Guattari (2010; 2024), Rolnik (2018) e demais autores citados neste texto.

Com base nestes referenciais, entende-se que a enunciação discursiva fabrica a metanarrativa universalizante do estudante protagonista de um “projeto de vida na escola” direcionada aos propósitos de captura dos corpos juvenis pelo regime colonial-capitalístico vigente em que a dimensão do desejo é transfigurada como falta, à medida que o viver de estudantes jovens adquire o sentido de transpor as condições de existências enfrentadas no tempo presente, ao reunir forças e mover esforços no alcance de um futuro incerto, seja de sucessos ou fracassos. Nisso, entra em jogo a produção de uma noção de juventude que busca firmar essa lógica, na qual o/a estudante jovem torna-se “senhor do seu próprio destino”. Desse modo, o discurso institucionalizado da BNCC gera efeitos de subjetivação nos quais o/a estudante torna-se auto empreendedor/a de si mesmo.

Portanto, busca-se, aqui, desmontar a lógica fabricada pelos atos de enunciação e processos de subjetivação do discurso da BNCC que universaliza diferentes modos de existências das juventudes, dentro e fora das escolas, já que esses não se esgotam em um projeto de vida inventado pela determinação das políticas curriculares oficiais.

## **2. Produção subjetiva do estudante protagonista e transfiguração da noção juventude**

O foco deste estudo é a análise da enunciação do estudante protagonista de um “projeto de vida na escola”, presente no discurso oficial da BNCC, instituída pelo Ministério da Educação (MEC), em 2017, a qual incide na regulação dos currículos escolares nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, etapas consecutivas da Educação Básica. O protagonismo estudantil é indicado como propulsor de “anseios dos jovens em relação ao seu futuro, como também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio” (BRASIL, 2017).

Segundo Aguiar e Dourado (2018), a BNCC assumiu a posição de “carro-chefe das políticas educacionais” do MEC, alterando o texto do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) em relação à concepção pedagógica que norteava a organização dos currículos escolares. Enquanto que a legislação anterior referia-se a garantia de “direitos e aprendizagens”, o texto da BNCC anuncia a “aquisição de “habilidades e competências” na Educação Básica, em todo território nacional. Mais do que uma mudança na linguagem, esses enunciados indicam que as reformas curriculares mais recentes expressam o aprimoramento da regulação da educação aos moldes da lógica neoliberal empresarial, introduzida nas políticas educacionais brasileiras pela ação do Estado desde a institucionalização dos sistemas de avaliação como uma estratégia para redução da reprovação e evasão, mediante exames nacionais que avaliam os desempenhos dos estudantes e das escolas, e de mensuração da qualidade do ensino via Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007.

As reformas curriculares promovidas pelo MEC apontam indícios claros de submissão dos currículos à lógica empresarial dos negócios, vinculando a educação ao discurso de “alívio da pobreza” que provém das agências internacionais, como o Banco Mundial, as quais exercem forte influência sobre as políticas educacionais dos países periféricos. No Brasil, entre outras medidas tomadas pelo Estado, a institucionalização da BNCC reforça esse entendimento do direcionamento das políticas educacionais oficiais às demandas empresariais nacionais e internacionais. Assim ressalta Bonfanti (2021, p. 38): “Uma base curricular comum imposta de maneira vertical aos entes federados e às escolas que supervaloriza as competências e habilidades para equiparar as diferenças de aprendizagens em sala de aula”.

Levando em conta que o maior contingente do público estudantil atendido nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio corresponde a faixa etária dos 15 aos 25 anos, compreende-se que essa enunciação discursiva reproduz a concepção moderna do sujeito jovem a partir do critério biológico e cronológico da idade, haja visto que:

No que tange às juventudes, desde a modernidade prevalece o regime de verdade baseado na categorização cronológica de faixa etária somado a uma perspectiva psicológica que identifica esta etapa da vida como fase da adolescência. No sentido etimológico da palavra, *adolescere* vem do latim - *ad* (a, para) e *olescer* (crescer) -

referindo-se, portanto, ao processo de crescimento do indivíduo. O jovem ou adolescente é aquele/a indivíduo em fase de crescimento, de amadurecimento para a vida adulta. (BONFANTI, 2021, p. 2).

O enunciado estudante jovem no discurso da BNCC remete ao conceito moderno de tempo cronológico (*chronos*), que toma como ponto de referência a medição das idades e que define juventude como etapa de transição para a vida adulta. Porém, há outra forma de entender o tempo que nada tem a ver com a ideia de divisão e continuidade progressiva de etapas cronológicas de vida. O tempo das experiências (*aion*) que acontecem de forma descontínua, ilimitada e simultânea em qualquer momento da vida.

Percebe-se que o discurso da BNCC produz uma noção de tempo marcado pela articulação entre a concepção moderna - tempo cronológico, biopsicossocial - e a concepção produtivista de um tempo no qual o estudante jovem vive o presente como promessa de futuro, transitando para a vida adulta que determinará seu lugar no mundo. Pode-se dizer que as diferentes experiências cotidianas (tempo *aion*) nas quais os/as estudantes podem ou não viver esse tempo de preparação para um futuro não são devidamente consideradas, ao passo que vale mais o futuro ainda inexistente do que o tempo presente no qual estudantes forjam existências reais em contingências desiguais e, muitas vezes, em situações precarizadas de vida que esvaziam de sentido possíveis expectativas futuras.

Desse modo, a configuração subjetiva da juventude toma o estudante jovem como sujeito universal que deve ser responsável pelo seu próprio destino, lançando-se ao agir na produção do seu projeto de vida. Sujeito subjetivado como auto empreendedor de si mesmo, em razão do engendramento da lógica neoliberal nas políticas educacionais contemporâneas, pois o discurso neoliberal tem por princípio o indivíduo produzido pela razão econômica, como define Foucault (2008) o *homo economicus* enquanto sujeito soberano induzido a administrar sua vida sob uma racionalidade prática dirigida a determinados objetivos na qual ganham importância termos como: responsabilidade, disciplina, controle, diligência.

A racionalidade neoliberal é contestada por Rolnik (2018) ao afirmar que, no capitalismo contemporâneo, a ordem neoliberal do governo dos corpos e das condutas soma-se ao colonialismo pela captura dos desejos. Assim, a “cafetinagem do desejo” enquanto “pulsão vital” acontece à medida que o sujeito se entrega de corpo e alma a “seus desígnios”,

ou seja: “o direito de existir ou, mais precisamente, o direito à vida em sua essência de potência criadora” alimenta o “regime colonial-capitalístico”. (ROLNIK, 2018, p. 24). Faz parte do funcionamento do regime de colonização e expropriação das forças e dos desejos naturalizar a lógica do auto empreendedorismo, responsabilizando indivíduos pelos êxitos e fracassos.

Para isso, o acoplamento das engrenagens escolares, como os currículos, à máquina do *socius* (DELEUZE; GUATTARI, 2010), se torna fundamental para a captura dos corpos e dos desejos. Máquinas desejantes acoplam corpos juvenis, produzem subjetividades ordenadas pela moral auto empreendedora. A concepção do desejo como falta faz parte da lógica do auto empreendedorismo juvenil pois, nesta análise, o “projeto de vida na escola” traduz o esvaziamento das experiências cotidianas dos/as estudantes em nome de uma projeção do futuro ainda inexistente, e tudo aquilo que foge dessa natureza, deve ser tratado como um desvio, uma falha que precisa ser corrigida.

Contudo, esse processo de produção do sujeito jovem auto empreendedor ditado pela norma prescritiva da BNCC não deixa de fabricar e aprofundar as desigualdades constituídas pelas condições materiais desiguais das existências juvenis, sejam elas sociais, de gênero, étnico-raciais, territoriais, ou da ordem de outros marcadores culturais. Pelo contrário, a enunciação do “projeto de vida” naturaliza as desigualdades, ao mesmo tempo que serve a esse discurso para justificar o próprio regime e agenciar a adesão aos seus propósitos. Mesmo que muitos projetos não se realizem, as regras prescritas do regime vigente seguem valendo e levam a coroação do regime de captura das forças e desejos, por meio de tecnologias que visam a inibição da expansão e da expressão de potências.

Mas, nem tudo funciona perfeitamente nessa ordem. A máquina colonial-capitalística acaba por emperrar, gerar cortes, desvios, re-ajustes. Resta perceber e mover o pensamento acerca dos processos de subjetivação experimentados em multiplicidades pelas diferentes juventudes que escapam ou não ao regime, podendo inventar processos de singularização das existências em ações que não cessam de atualizá-las.

Percebe-se a padronização como forma de captura dos corpos e desejos juvenis em uma tentativa de anular as diferenças possíveis, naturalizando um padrão a ser seguido em nome do sucesso individual. Esse pensamento mercadológico não se resume a uma

instituição, mas a um complexo jogo de afecções ativas e passivas que põe em vigor determinados processos de subjetivação. Os corpos juvenis são distribuídos, classificados conforme se encaixam ou não no padrão da ordem moral auto empreendedora. Processos de subjetivação que aprisionam a visão da pluralidade das juventudes por se fundamentarem na representação de uma identidade universal do estudante auto empreendedor que sedentariza e que exclui outras possibilidades, inclusive aquelas em que movimentos de resistência e criação são inventados.

Sob a perspectiva das Filosofias da Diferença, cabe pensar em corpos potência que experimentam diferentes modos de existências fora de uma ordem limitada de tempo e espaço. Para Espinosa (2009), desejo é vontade de potência, esforço do corpo e da mente para perseverar na existência. É a potência que define corpos, produz agenciamentos, por meio de movimentos. O corpo potência encontra outros corpos por meio de afecções, deixando marcas, novas ideias, novas maneiras de ver a si e ao outro, ao mundo. Portanto, há que se promover currículos abertos às reais demandas dos/as estudantes, de modo que as experiências vividas na escola e os processos de aprendizagem funcionem por meio de encontros que ativem e multipliquem possibilidades de realização de corpos potência no tempo presente. Conceber que juventudes não acontecem do mesmo modo, pois cada encontro provoca diferentes afecções, mobiliza forças ativas e passivas que efetuam cortes, linhas de fuga, desestabilizações e deslocamentos, uma espécie de passagem, algo que faz surgir um novo corpo. Portanto, é a diferença, a potência que abre passagem para a criação de subjetividades singulares.

### **3. Considerações Finais**

Considera-se que a enunciação do estudante como protagonista do “projeto de vida na escola”, produzida pelo discurso da BNCC, funciona como dispositivo legal de regulação das reformas curriculares levadas a efeito nos contextos escolares. Nele, permanece a metanarrativa de enquadramento do estudante como sujeito jovem, cuja existência é marcada por um tempo de transição e amadurecimento para a vida adulta. Pretende-se que este tempo de permanência do/da estudante na escola sirva para a preparação e condução a uma moral auto empreendedora na qual empregue seu próprio esforço para alcançar o futuro almejado por todos/as, independente das condições materiais que agenciam modos desiguais de

existências. Mais que isso, as dificuldades estão aí para serem enfrentadas e vencidas a qualquer custo. Agenciamentos institucionais que produzem certos regimes de verdade em relação aos processos de subjetivação das juventudes e, conseqüentemente, geram efeitos nas formas de constituição das corporeidades juvenis. Assim se processa a produção subjetiva universalizante de uma juventude pautada na moral auto empreendedora do regime colonial-capitalístico.

Então, a questão que se impõem passa a ser: como promover outras possibilidades de experimentação das existências através dos currículos? Como abrir brechas no instituído para a criação de potências e de processos de singularização? Ficar frente aquilo que se desconhece, pode causar desconforto, medo, mas também pode ser uma oportunidade de perceber outras possibilidades de se colocar no mundo, potencializando o corpo a encarar o desconhecido, o que até então não era imaginável.

É possível promover encontros nos espaços escolares que mobilizem potências, desde que o ponto de vista mude, abrir-se à diferença, ainda desconhecida, estranha, desviante dos valores morais pré-estabelecidos, inventando passagens. Não há que se pedir aos/às estudantes que projetem o futuro, sendo ele tão incerto, mas sim abrir espaços/tempos na escola, através dos currículos, em que potências possam ser experimentadas de diferentes modos na concretude das condições em que a vida é vivida no presente. Afinal, por mais que não se perceba, forças criadoras de subjetividades outras acontecem em meio aos encontros, nas experiências de um tempo *aion*, propício à invenção de singularidades.

### Referências

AGUIAR, M. A. S.; DOURADO, L. F. (orgs.). *A BNCC na contramão do PNE 2014 -2024: avaliação e perspectivas*. Recife: ANPAE, 2018.

BONFANTI, B. B. *Corpos Juvenis: forças potencializadoras de existências múltiplas*. *Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero 12*, Florianópolis, 2021. Disponível em: [https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1612120974\\_ARQUIVO\\_5de0b93280c4e31d1e0b82107b8ca530.pdf](https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1612120974_ARQUIVO_5de0b93280c4e31d1e0b82107b8ca530.pdf) Acesso em: 24 setembro 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 24 ago. 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

ESPINOSA, B. *Ética*. Tradução Tomas Tadeu, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. 1ª ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Coleção Tópicos, 2008.

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.